



A GRAMATICOGRAFIA DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL E O TRATAMENTO DA CLASSE DOS DETERMINANTES

THE GRAMMATICOGRAPHY OF SPANISH AS A FOREIGN
LANGUAGE IN BRAZIL AND THE TREATMENT OF THE
CLASS OF DETERMINERS

Laís Vitória Nascimento¹

Universidade Federal de Uberlândia

Leandro Silveira de Araujo²

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O estudo analisa e compara o tratamento dos determinantes em gramáticas de Espanhol/Língua Estrangeira produzidas no Brasil nos séculos XX e XXI. Com base na gramaticografia, examina quatro obras para identificar características estruturais, formas de gramatização e mudanças no ensino da classe. Conclui-se que, apesar do avanço científico e didático recente, persiste a falta de fundamentação teórica para o tratamento dos determinantes.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/CNPq). <https://orcid.org/0000-0002-5352-708X>. laisvitorianasc@gmail.com.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista. Professor do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Líder do Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi/CNPq). <https://orcid.org/0000-0001-8518-1266>. araujols@ufu.br.

Palavras-Chave: Determinantes; Língua Espanhola; Gramatização; Língua Estrangeira; Norma Linguística.

Abstract: *This investigation examines and contrasts the treatment of determiners in Spanish as a Foreign Language grammars that were developed in Brazil during the twentieth and twenty-first centuries. It examines four works to identify structural features, grammatical methods, and potential modifications to the teaching of this course, utilizing grammaticography as a framework. The conclusion is that, despite recent scientific and didactic advancements, the treatment of determiners continues to lack a theoretical foundation.*

Keywords: *Determiners; Spanish; Grammatization; Foreign Language; Linguistic Norm.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho se atém à categoria dos determinantes (*aquel, este, su, nuestro, el, algún, que...*) devido à abrangência de formas e dinamicidade gramatical que apresenta. Observamos que nem sempre essa classe é categorizada da mesma forma na tradição gramatical brasileira, o que pode gerar dificuldades no processo de aprendizagem de Espanhol/Língua Estrangeira (E/LE), à medida que o aluno se depara com reflexões linguísticas sem correlatos com sua experiência metalinguística na língua materna.

Por essa razão, este estudo observa como essa categoria vem sendo apresentada em gramáticas de espanhol produzidas no Brasil. A partir dessa análise, o estudo também se debruça sobre como o processo de gramatização de espanhol voltado ao ensino dessa língua a brasileiros vem se transformando desde o início do século XX. Partimos da hipótese de que essa mudança resulta do aprofundamento do diálogo com os estudos linguísticos descritivos e aplicados mais contemporâneos.

Portanto, é objetivo central deste trabalho a análise, descrição e comparação do tratamento dos determinantes em gramáticas E/LE produzidas no Brasil no início dos séculos XX e XXI. Para tanto, propomos, mais especificamente, (ii) analisar como são gramatizados os determinantes no

período selecionado e (iii) identificar mudanças no processo de gramatização no ensino de E/LE.

A discussão se organiza em quatro seções. Na primeira, tratamos do conceito de gramática e gramatização para articular a ideia de gramática escolar e sua importância para o ensino de E/LE. A segunda seção trata da classe dos determinantes em língua espanhola conforme os estudos descritivos contemporâneos da língua. A terceira seção analisa a abordagem dos determinantes nas gramáticas brasileiras de espanhol como língua estrangeira. Finalmente, a última seção apresenta as permanências e rupturas processo de gramatização dos determinantes nas gramáticas de espanhol para brasileiros.

1 A GRAMÁTICA DE E/LE NO BRASIL

O termo gramática tem distintas acepções em nossa língua, as quais, de algum modo, dialogam entre si ou se relacionam à gênese do termo: quando por gramática se entendia o conjunto de regras com uma orientação didática para o ensino de uma língua (Maquieira, 1993). Antunes (2007) diferencia cinco sentidos atribuídos à palavra gramática:

1. Conjunto de regras que define o funcionamento de uma língua;
2. Conjunto de normas que regula o uso da norma culta;
3. Perspectiva de estudo dos fatos da linguagem;
4. Disciplina de estudo;
5. Compêndio descritivo-normativo sobre a língua.

Em articulação mais estreita com o objeto tomado para análise neste estudo, encontramos na concepção 5 a percepção de que a gramática se refere a um compêndio sobre a língua, que pode assumir tanto uma perspectiva normativa como descritiva. Ao ser definida como um suporte, entende-se que a

gramática atua como um instrumento que auxilia tanto na descrição da língua, como no seu ensino.

Assim, esse processo de escrever e compor uma gramática, ou seja, o ato de instrumentalizar e descrever uma língua incorporando todo o seu saber metalinguístico é denominado de gramatização³ e encontra sua materialidade em dois pilares: a gramática e o dicionário (Auroux, 2014). Ao operar como instrumentos, é importante destacar que as gramáticas não são neutras, isso porque seus autores acabam assumindo determinadas posições de acordo com a maneira que escolhem concebê-la e registrar a língua. Desse modo, o mais importante é perceber que o fato de conceber gramáticas, significa escolher um tipo determinado de registro linguístico e dada visão de língua propriamente dita (Antunes, 2007; Lagares, 2018).

Segundo Auroux (2014), a principal mudança sofrida no processo de gramatização das línguas românicas foi a ressignificação da função da gramática, a qual era usada como uma ferramenta filológica, passando a ser utilizada – graças às transformações sociais experimentadas a partir do fim do século XV – como ferramenta de aprendizagem de línguas. Assim, é possível dizer que a gramática passa a ter, de algum modo, uma função pedagógica, voltada ao ensino de línguas.

O modelo de gramática escolar mais próximo ao que conhecemos atualmente surgiu, segundo Calero Vaquera (2015), na França, na década de 1780, com a publicação de *Éléments de la Grammaire Française*, de Charles François Lhomond (1727- 1794). Tal gramática estava inserida dentro da abordagem tradicional, ou seja, estava concebida (i) para servir como auxiliar

³ O conceito de gramatização – referente ao processo de instrumentalização da língua por meio de gramáticas – nada tem a ver com o conceito de gramaticalização, que se refere ao processo de mudança linguística no qual elementos da língua adquirem função mais gramatical, isto é, tornam-se mais coesos, dependentes, com sentido mais abstrato, entre outro. Esse é o caso, por exemplo, da transformação da construção de tratamento “vossa mercê/vuestra merced” no pronome você/usted.

durante o ensino da ortografia francesa e (ii) para promover o exercício da escrita dessa língua, demonstrando, portanto, seus objetivos normativos. Entretanto, Calero Vaquera (2015) adiciona que entre os anos 1795-1805, começa-se a prosperar a adoção de um modelo baseado nas teorias da gramática filosófica de Du Marsais, Beauzée e Condillac. Como consequência, a gramática escolar vai deixando de ser definida como a arte de falar e escrever e passa a ser concebida como ciência fundamental que conduz o espírito em busca da verdade.

No contexto espanhol, Calero Vaquera (2015) observou que o modelo de gramatização voltado ao ensino acompanhou as referências francesas. Em particular, a autora identifica uma série de circunstâncias que colabora para o desenvolvimento da tradição da gramática escolar na Espanha, tais como: (i) a presença e crescimento dos ideais iluministas franceses e (ii) o reconhecimento governamental do ensino do castelhano, com desenvolvimento de políticas de ensino da língua; aspectos que colaboraram para a definitiva eliminação do latim como língua de uso nas escolas.

Tal como se observa desde sua concepção e desenvolvimento, a gramática escolar possui uma construção específica para adentrar no ambiente estudantil de acordo com as demandas do local, dos aspectos socioculturais e históricos. Em acréscimo, é importante relembrar que os conhecimentos sobre a língua e as maneiras de como ampliá-los foram se ajustando de acordo com o desenvolvimento das ciências linguísticas. Nos termos de Lewandowski (1995), a gramática escolar:

[...] sirve de base a la enseñanza del lenguaje, de acuerdo con criterios pedagógicos y didácticos y que – reina acuerdo en este punto – no es una versión simplificada de una gramática seleccionada ni de un modo lingüístico; partiendo de los presupuestos psicológicos y socioculturales, ha de tener en cuenta, junto a ideas de teoría del aprendizaje, especialmente los objetivos del estudio (Lewandowski, 1995, p. 164)

Araujo (2020) identifica dentro do tipo gramática escolar dois subgrupos específicos, definidos de acordo com os objetivos de estudo do público-alvo. No primeiro, gramática de língua materna volta-se ao ensino e aperfeiçoamento de competências (especialmente escritas) da língua materna do estudante. Por sua vez, a gramática de língua estrangeira volta-se ao ensino de uma língua estrangeira e, *grosso modo*, amplia os níveis de competências comunicativas do aluno em dado idioma. Para esse último modelo, desenvolvem-se atividades compatíveis com situações de uso reais da língua. Dessa forma, “critérios como utilidade, frequência, familiaridade, grau de contraste entre o idioma de origem e o idioma de destino pautam o modelo de língua apresentado ao estudante” (Araujo, 2020, p. 264).

German e Séguin (1990) ainda observam que a idade, a escolaridade, o nível de conhecimento da Língua Estrangeira, por exemplo, são fatores que devem ser considerados na elaboração de uma gramática de ensino de língua estrangeira. É preciso salientar que a aprendizagem de uma língua não materna deve lidar com o fato de que o estudante já possui um meio linguístico para sua comunicação, ou seja, a língua materna já está inserida em sua realidade, independentemente de seu grau de compreensão. Por isso, segundo Maquiera (1993), o processo de aquisição de uma língua estrangeira está associado a uma ideia de construção, a qual tem seu alicerce postulado no aproveitamento de estratégias utilizadas na aprendizagem da língua materna, e, portanto, os autores de gramáticas escolares para estrangeiros devem promover a aprendizagem da segunda língua a partir das características linguísticas da língua materna dos leitores, já internalizadas e utilizadas de modo automático, de forma que as estruturas da língua adicional que se mostrem semelhantes às da primeira sejam aquelas passíveis de assimilação mais rápida (cf. Maquiera, 1993, p. 282).

Ademais, a autora também ressalta a importância de desenvolver nesses instrumentos estratégias de aprendizagem baseadas na comparação entre língua, especialmente quando a gramática é dirigida a falantes cuja língua materna é próxima à língua estrangeira estudada – como é o caso de brasileiros aprendizes de espanhol.

Voltando-nos ao contexto brasileiro, observamos que Cavaliere (2001) propõe dividir a história da gramatização no Brasil em quatro principais fases. A primeira, chamada de Período Embrionário (1595 a 1802), estudos esparsos desprovidos de relevância expressiva enquanto manifestação do pensamento linguístico no Brasil. A segunda etapa, do Período Racionalista, inicia-se em 1802, com a publicação do *Epítome da grammatica da língua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, e segue até 1881. Esse período é marcado pela alta circulação de compêndios didáticos lusitanos, cuja tradição gramatical latina aplicada aos vernáculos era o principal modo utilizado para a sua confecção. Ademais, esse período comporta as primeiras intervenções do brasileiro acerca dos fatos linguísticos enquanto expressão de uma nacionalidade em formação, especialmente no período posterior à Independência. Em 1881, com a publicação da *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro, inicia-se o Período Científico, que se estende até 1941. Segundo Cavaliere (2001, p. 59) observa-se nesse momento reflexos dos estudos histórico-comparativos europeus, iniciados no começo do século XIX, que chegam tardiamente, sobretudo devido ao predomínio, no período racionalista, de uma orientação voltada ao estudo do vernáculo com caráter essencialmente normativo.

Finalmente, o Período Linguístico começa em 1941, com a publicação dos *Princípios de lingüística geral*, de Mattoso Câmara, e vai até os dias atuais. A fase é marcada pela produção resultante da inserção da disciplina de linguística nos cursos de Letras do Brasil e se caracteriza pela maturação da Linguística no país e fomentação de estudos sobre a linguagem sob diferentes abordagens

científicas. Subdivide-se o período em duas fases. A primeira, denominada estruturalista, encerra-se em 1970 e ficou caracterizada como um período de transição e consolidação da Linguística no Brasil, representada, até então, pelos estudos estruturalistas. A Fase Diversificada inicia-se na década de 1970 e perdura até a atualidade, aportando à gramatização brasileira as novas correntes linguísticas, com uma nova configuração científica, na qual a iniciativa individual dá lugar a grupos de pesquisa organizados em âmbito nacional, geralmente vinculados aos programas de pós-graduação das universidades públicas (cf. Cavaliere, 2001, p. 67).

Com o objetivo de averiguar como se deu a gramatização do espanhol como língua estrangeira no Brasil, escolhemos abordar uma gramática produzida ainda no Período Científico (1), outra produzida no início da primeira fase do Período Linguístico (2) e duas produzidas na segunda etapa do Período Linguístico (3 e 4). A razão da escolha se deve à possibilidade de analisar como os estudos linguísticos contribuíram para a gramatização de E/LE no contexto brasileiro, pois este trabalho parte da hipótese de que essas mudanças experimentadas pela gramatização de E/LE no Brasil resultam do aprofundamento do diálogo com os estudos linguísticos mais contemporâneos. Dessa forma, as gramáticas escolhidas foram:

1. *Grammatica da lingua espanhola para uso dos brasileiros*, de Antenor de Veras Nascentes, publicada em 1920.
2. *El Castellano Contemporáneo: Gramática y Textos*, de Cândido Jucá Filho, publicada em 1944.
3. *Gramática española para brasileños*, de Vicente Viciano Masip, publicada em 2010.
4. *Gramática Contrastiva del Español para Brasileños*, de Concepción Moreno García e Gretel María Eres Fernández, publicada em 2012.

Isso posto, espera-se que as gramáticas publicadas na segunda etapa do período linguístico apresentem uma concepção de língua e uma descrição de

fenômenos linguísticos mais condizentes com a realidade da língua espanhola, respeitando sua complexidade, diversidade e diferentes eixos de normatização.

2 OS DETERMINANTES NOS ESTUDOS DESCRITIVOS DO ESPANHOL

Nossa reflexão centra-se especialmente no conceito geral da classe dos determinantes, seguida de uma breve apresentação dos subsistemas que integram o grupo, isso porque trata-se de uma classe de palavras muito complexa, heterogênea e diversa, de modo que tratá-la à exaustão é incompatível com os limites de um trabalho como este.

Prévia à conceituação da classe dos determinantes, está a percepção sobre como ocorre a determinação semântica na língua. Jiménez Juliá (2006) define o conceito como:

[...] recurso comunicativo básico a la hora de identificar dentro de la esfera de conocimiento de los interlocutores, más concretamente, del oyente, los conceptos aludidos lingüísticamente. [...] definida de un modo general como la ubicación de un contenido en el campo de conocimiento del oyente con respecto a algún parámetro (mera presentación anafórica o general, deixis espacial, relación personal, cuantificación etc.) [...] es una operación de actualización nominal. [Un proceso básico] para poder convertir la virtualidad y generalidad de los contenidos lingüísticos en actos de comunicación concretos (Jiménez Juliá, 2006, p. 269).

Nesses termos, cabe ao processo de determinação a concretização de um elemento nominal no ato de comunicação, tornando-o conhecido, identificável ou referenciável ao enunciador e, especialmente, ao enunciatário. De modo prático, ao observarmos o título do artigo publicado na versão eletrônica do jornal El País (enunciado (1)), encontramos que tanto o artigo definido “el”, diante dos substantivos “presidente” e “Parlamento”, como o possessivo “su”, diante do sintagma nominal “posible destitución”, operam identificando, definindo e localizando o referente lexical do nome que acompanham. Isto é,

não se trata de referir-se virtualmente a qualquer “presidente”, “parlamento” ou “destituição”, mas ao presidente e ao parlamento equatoriano, bem como à possível destituição de Guillermo Lasso – então presidente do Equador. Embora outras informações textuais (“*de Ecuador*”) e contextuais ajudem nessa interpretação dos referentes nominais, é notável o papel desses determinantes (“*el*” y “*su*”) na construção coerente do sentido que se deseja construir na notícia.

(1) “*El presidente de Ecuador disuelve el Parlamento ante su posible destitución*”⁴

Jiménez Juliá (2006) observa que as línguas se valem de elementos para localizar uma referência dentro do campo de conhecimento do interlocutor. No caso do espanhol, há três principais grupos que se relacionam à expressão de determinação: os determinantes propriamente ditos, os adjetivos e os pronomes, como mostra o quadro 2:

Quadro 1. Unidades determinativas na língua espanhola

	determinante	adjetivo (posposto)	pronome
artigo & pronome pessoal	el/la/lo	--	él/ella/ello
possessivo	mi/tu/su	mío/tuyo/suyo	--
demonstrativo	este/es/aquel	este/es/aquel	éste/ése/aquél
indefinidos	un/una	--	uno/una
	algún/alguna	--	alguno/alguna
	ningún/ninguna	--	ninguno/ninguna
	cualquier	cualquiera	cualquiera
distributivo	cada	--	--

Fonte: Jiménez Juliá (2006, p. 235)

⁴ Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2023-05-17/el-presidente-de-ecuador-guillermo-lasso-disuelve-el-parlamento-ante-su-posible-destitucion.html>, cessado em 17 de dez. 2025.

Em particular, Laca (1999, p. 893) observa que os determinantes constituem uma classe sintático-semântica que, em espanhol, inclui os artigos (*el presidente*), os demonstrativos (*aquel presidente*), os possessivos (*nuestro presidente*), os quantificadores (*muchos presidentes*) e uma série restrita de elementos léxicos cuja semântica está dominada pelas noções de identidade ou de quantidade (“outro”, “diversos”, “diferentes”, “numerosos”). Sintaticamente, caracterizam-se por preceder um nome comum (2) ou um sintagma nominal (3) e por apresentarem restrições com respeito a concorrência e ordem, de modo que não se permite, em espanhol, construções como **esas sus madres* ou **el mi coche*. Semanticamente, a classe forma com o nome que precede uma expressão referencial ou quantificada.

(2) “*el Parlamento*”

(3) “*el presidente de Ecuador*”

Os determinantes se distinguem dos adjetivos determinativos porque os primeiros são projetados especificamente para limitar ou precisar o significado do substantivo que os seguem, enquanto os adjetivos descrevem ou qualificam as características do nome, em posição posterior a este. Assim, em (4), observamos que “*suyo*” qualifica o substantivo “*vídeo*”, que está previamente determinado pelo indefinido “*un*”. Como adjetivos, os elementos determinativos também podem ser usados em outras funções gramaticais, como em construções comparativas (“*más suyo que mío*”) e superlativas (“*lo de ausentarse es muy suyo*”).

(4) *Una comediente extranjera habló de un video suyo que se hizo viral*⁵.

⁵ Título de artigo publicado na versão eletrônica do La Nación, no dia 17 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/sociedad/una-comediente-extranjera-hablo-de->

Já os pronomes se diferenciam dos determinantes, pois, embora possam ter funções semelhantes, como indicar a identidade ou a relação com um substantivo, os pronomes são eleitos especificamente para substituir ou se referir a um substantivo, enquanto os determinantes limitam ou precisam o significado do substantivo que o segue. Outrossim, os pronomes são usados para evitar repetições de um substantivo já mencionado, o que ajuda a tornar a comunicação mais eficiente e precisa.

A análise do conto “*Algo muy grave va a suceder a este pueblo*”, de García Márquez, mostra-nos o uso do determinante “*una*” designando e atualizando o referente “*señora*”, em “*una señora vieja*”. Por sua vez, o mesmo referente é retomado anaforicamente através do pronome dativo “*le*”, em “*qué le pasa*”; dessa vez omitindo o nome original e assumindo a indicação designada.

(5) *Imagínese usted un pueblo muy pequeño donde hay una señora vieja que tiene dos hijos, uno de 17 y una hija de 14. Está sirviéndoles el desayuno y tiene una expresión de preocupación. Los hijos le preguntan qué le pasa [...]*⁶

Jiménez Juliá (2006) identifica uma confusão entre o valor relacional de caráter atualizador geral na língua e os elementos especificamente determinantes do idioma. Esse último grupo passa a ser membro de um paradigma fechado, especificamente destinado a expressar a determinação/atualização do substantivo ou do grupo nominal em que se insere. Além disso, os determinantes devem vir necessariamente antepostos ao seu núcleo, obtendo assim o valor funcional de um artigo. Também, dentro do

un-video-suyo-que-se-hizo-viral-no-creo-que-pueda-volver-nid17052023/>, acessado em 17 de dez. 2025.

⁶ Fragmento retirado do conto “*Algo muy grave va a suceder a este pueblo*”, de Gabriel García Márquez. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/algo_muy_grave_marquez.pdf>, acessado em 17 de dez. 2025.

grupo especificamente determinante, distingue-se, por um lado, o artigo, como um determinante geral, sendo suscetível a atualizar qualquer unidade, e os demonstrativos e possessivos, que são capazes de associar-se às unidades interpretadas como substantivos adicionando-lhes especificidades semânticas relativas ao domínio de pessoa, espaço e/ou tempo. O último grupo de determinantes é constituído pelos chamados indefinidos, os quais concretizam de forma indeterminada um substantivo.

Em resumo, os determinantes são palavras que acompanham os substantivos para indicar posição, quantidade e relação com outros termos da oração. Quando suscetíveis à flexão, concordam em gênero e número com o substantivo ao qual se relaciona. O quadro 3 sistematiza os itens gramaticais que compõem a classe dos determinantes no espanhol.

Quadro 2. Os determinantes na língua espanhola

	masculino	feminino	neutro
artigos definidos	el(los)	la(s)	lo
artigos indefinidos	un(os)	una(as)	-
demonstrativos	este(os), ese(os), aquel(los),	esta(s), esa(s), aquella(s)	-
quantificadores indefinidos	un(a), algún (a, os, as), ningún (a, os, as), cual(es)quier(a), varios(as), otro (os, a, s), mismo (a, os, as), tal (es), todo (a, os, as), mucho (a, os, as) y poco (a, os, as), cada, cuanto (os, a, as), tanto (a, os, as), bastante (s), demasiado (a, os, as), más, menos.		
possessivos	mi(s), tu(s), su(s), nuestro(s), vuestro(s)		

Fonte: elaborado pelos autores.

Em seguida, expomos brevemente as características gerais dos grupos que compõem a classe dos determinantes em espanhol. Tendo em vista os objetivos do estudo e as limitações da proposta, não escrutinamos em detalhes as subclasses.

Os artigos definidos ou determinados em espanhol são: “el” para o gênero masculino singular, “la” para o gênero feminino singular, “lo” para o gênero neutro singular, “los” para o gênero masculino plural e “las” para o gênero feminino plural. Eles são utilizados para indicar que algo específico está sendo referido no sintagma. Por isso, precedem substantivos para indicar que são conhecidos, seja pela referência dêitica ao contexto de enunciação ou pela referência anafórica a um referente introduzido previamente no discurso.

Já os artigos indefinidos ou indeterminados precedem um substantivo para indicar que estamos direcionando a atenção para algo que ainda não é conhecido, ou seja, que não foi inserido no discurso. Em espanhol, os artigos indefinidos são: “un” para o gênero masculino singular, “una” para o gênero feminino singular, “unos” para o gênero masculino plural e “unas” para o gênero feminino plural.

A referida diferença no uso dos artigos pode ser observada no título e subtítulo da notícia publicada na versão eletrônica do jornal argentina *La Nación*

(6) *Una comediante extranjera habló de un video suyo que se hizo viral: “No creo que pueda volver”. Joanna Hausmann Jatar se refirió a las imágenes en las que registró cómo un hombre cargaba una media res en la vía pública y cuál fue su reacción al verlo.*⁷

No enunciado, “*video*” é referido pela primeira vez através do artigo indefinido “*un*”, compondo, desse modo, o sintagma “*un video suyo*”. Contudo, ao se recuperar a informação na sequência do enunciado, através da palavra “*imágenes*”, faz-se uso do artigo determinado “*las*”, posto que se trata de uma informação já introduzida e, agora, recuperada no discurso. Explicita-se, desse

⁷ Título de artigo publicado na versão eletrônica do *La Nación*, no dia 17 de maio de 2023. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/sociedad/una-comediante-extranjera-hablo-de-un-video-suyo-que-se-hizo-viral-no-creo-que-pueda-volver-nid17052023/>>, acessado em 17 de dez 2025.

modo, o uso de “primeira menção” do indefinido e o uso “anafórico” do definido.

Seguindo com a apresentação das categorias, os demonstrativos são formas variáveis que acompanham o substantivo e expressam a ideia de localização e distância (espacial ou temporal) em relação a algo ou alguém. Em língua espanhola, há três orientações para o uso dos demonstrativos em sua função dêitica. Para expressão de distância curta em relação ao enunciador, usa-se “este” (e variantes). Para expressão de distância média em relação ao enunciador ou proximidade do enunciatário, vale-se de “ese” (e variantes). Finalmente, na referência à distância longa, tanto do enunciador, como do enunciatário, usa-se “aquel” (e variantes).

Já os indefinidos em língua espanhola são usados para se referir a uma pessoa, objeto ou ideia de forma indeterminada ou vaga. É possível averiguar o conceito de indeterminação proposto para o uso dos quantificadores indefinidos apresentando um trecho da notícia na versão eletrônica do jornal *El País* (7). Em destaque, o quantificador indefinido “cualquier” faz referência às possibilidades de tarefas com as mãos, já que há uma infinitude de tarefas possíveis e não houve a especificação de nenhuma delas nesse caso.

(7) [...] *García Castaño sufre alteraciones de la memoria, dificultades para hablar y “déficits neurosensoriales”, así como una clara incapacidad para desplazarse y hacer cualquier tipo de tarea con las manos.*⁸

Por fim, os possessivos em espanhol são usados para indicar uma relação ou pertencimento entre o substantivo e o falante ou a pessoa a quem o falante está se referindo. Dessa forma, os possessivos em espanhol incluem “mi”, “tu”, “su”, “nuestro(a)”, “vuestro(a)” e “su” além de suas formas plurais: “mis”, “tus”,

⁸ Trecho de artigo publicado na versão eletrônica do *El País*, no dia 19 de maio de 2023. Disponível em: <<https://elpais.com/espana/2023-05-19/el-juez-archiva-el-caso-kitchen-para-el-comisario-el-gordo-por-las-secuelas-del-ictus-que-sufrio.html>>, acessado em 17 de dez. 2025.

“sus”, “nuestros(as)”, “vuestrs(as)” e “sus”. Para além desse valor, os possessivos apocopados sempre são interpretados como “[...] *actualizadores del sustantivo, pues permiten que este funcione en singular como sujeto preverbal*. Ejemplo: *Mi coche es azul (no se dice: *coche es azul)*” (Gómez Torrego, 2005, p. 78).

3 O TRATAMENTO DOS DETERMINANTES NAS GRAMÁTICAS BRASILEIRAS DE E/LE

Nossa análise das gramáticas de E/LE selecionadas para este estudo parte dos pressupostos estabelecidos pelo trabalho de Jiménez Juliá (2006), o qual separa as unidades determinativas da língua espanhola em três classes: os determinantes propriamente ditos, os adjetivos pós posicionados ao núcleo do sintagma nominal e os pronomes. Nosso foco, portanto, são as unidades gramaticais determinantes que, como tal, se posicionam ao início do núcleo do sintagma nominal, definindo e especificando a referência lexical do núcleo.

3.1 Gramáticas do século XX

No século XX, como a primeira gramática de espanhol voltada ao ensino da língua espanhola a brasileiros publicada no Brasil, temos a obra de Antenor Nascentes (1920). O manual é de singular interesse não apenas por contribuir formalmente para impulsionar o ensino do idioma no país, mas também por estabelecer um paradigma descritivo que pode ter sido tomado em alguma medida como referência nas propostas subsequentes (com observado em Araujo, 2025).

Observamos que a gramática não inclui um tópico específico para tratar a categoria dos determinantes, mas se utiliza do conceito global da função determinativa para distribuir as estruturas que compõem a classe em vários capítulos do compêndio. O autor não diferencia o adjetivo determinativo do

que seria especificamente o determinante. Sendo assim, introduz alguns dos elementos que compõem a categoria dos determinantes no capítulo oito, que intitula “*adjectivos determinativos*”. Nessa unidade, são apresentados os possessivos, os demonstrativos, numerais (cardinais, ordinais, fracionários, multiplicativos), o distributivo e os indefinidos.

Nascentes (1920) expõe os usos de cada uma das formas apresentadas e estabelece aproximação (e falta de separação) entre os pronomes e adjetivos. Nesse sentido, sobre os possessivos, apresenta as seguintes formas: *mi, mío, mi, mía, mis, míos, mis, mías, tu, tuyo, tu, tuya, tus, tuyos, tus, tuyas, su, suyo, su, suya, sus, suyos, sus, suyas, nuestro, nuestra, nuestros, nuestras, vuestro, vuestra, vuestros, vuestras*. Portanto, sem diferenciar o determinante (*mi*) do adjetivo (*mío*). O autor apresenta os demonstrativos em seguida (*Este, esta, estes, estas; ese, esa, eses, esas; aquel, aquella, aquellos, aquellas*) e adiciona uma comparação com o uso dessa classe em português: “O plural masculino não é analógico ao singular como em português.” (Nascentes, 1920, p. 26).

Dessa forma, segue explicando os numerais, dentre eles, insere o distributivo, o qual, em seus termos, encontra-se em desuso. Em suas palavras: “*sendos, sendas, sem singular, derivado do latim singuli e que significa um para cada qual de duas ou mais pessoas ou coisas: salieron de la nave seis enanos, tañendo sendas arpas*” (p. 28). Como indefinidos, classifica as formas “*alguno (algún), ninguno (ningún), unos, unas, cualquiera (cualquier), todo, mucho, poco, otro, varios, diversos, diferentes, ciertos, más, demás, menos, tanto, cuanto, demasiado, bastante*” (Nascentes, 1920, p. 28-29).

Excluídos da classe adjetivo determinativo, os artigos são apresentados separadamente no capítulo cinco, quando se diferencia a forma determinada da indeterminada. Além da apresentação das formas que compõe o paradigma dos artigos, o autor ainda apresenta aspectos relativos à origem da forma no latim, os casos possíveis de contração com preposições e usos particulares na língua

espanhola, decorrente do encontro de ajustes articulatórios, como a proibição do uso do artigo “la” diante de substantivos femininos começados pelo fonema /a/, em sílaba tônica.

Seguindo a apresentação dos demonstrativos nas gramáticas do início do século XX, observamos que a proposta de Jucá Filho (1944) também distribui o tratamento das unidades determinantes da língua ao longo de mais de um capítulo, juntamente com a discussão de outras unidades como os pronomes e os advérbios. Desse modo, dedica as lições treze e catorze ao que denomina “determinativos”. Na primeira lição, discute a classe dos pronomes, nas suas referências à pessoa (isto é, pronomes pessoais), a “*hombre*” (isto é, *alguien, nadie, quien*), a “*cosas*” (isto é, “*esto*”, “*eso*”, “*aquello*”, “*ello*”, “*lo*”, “*algo*” e “*nada*”) etc. Em outros termos, aborda o sentido amplo da função determinativa, incluindo exclusivamente as unidades pronominais da língua. Não nos atemos a essa descrição, pois entendemos fugir às especificidades das unidades determinantes da língua - abordadas na lição seguinte.

Na lição catorze, o autor discute “*los determinativos – los adjuntos*”, dividindo-os em dois grupos: (i) adjetivos e (ii) advérbios. Por não se caracterizarem pela determinação de um substantivo e, por conseguinte, não estarem presos à posição pré-nuclear do sintagma nominal, não analisamos os elementos que constituem o grupo dos advérbios. É no grupo dos adjetivos determinativos que se apresenta a classe dos determinantes, composta, segundo o autor, pelos (i) demonstrativos, (ii) possessivos, (iii) indefinidos e, como um uso excepcional dos pronomes correlatos, (iv) interrogativos: “*los pronombres interrogativos se usan a veces como adjetivos determinativos: ¡Qué cosa tan buena!*” (Jucá Filho, 1944, p. 139).

Essa gramática apresenta os determinativos como pronomes e em seguida como adjetivos, mantendo-se limitado, assim como Nascentes (1920), a informar as formas que compõem o paradigma dos determinantes. Dessa

maneira, o autor não faz a diferenciação entre o adjetivo determinativo e o determinante propriamente dito, ou seja, apresenta ambas as formas como se funcionassem igualmente como adjetivo. Em particular, encontramos a menção às formas de interrogativos funcionando como determinantes.

Assim como Nascentes (1920), Jucá Filho (1944) também faz o uso da abordagem comparativa com o português e apresenta os artigos separadamente dos determinativos. Portanto, compartilham não apenas tratamento das formas determinantes junto ao que denominam “adjetivo determinativo”, mas também a ausência de uma diferenciação entre adjetivos determinativos e determinantes - como nos termos de Jiménez Juliá (2006). Em particular, Jucá Filho (1994) se diferencia por atribuir a função de determinação a outros grupos, como o pronome e o advérbio.

3.2 Gramáticas do século XXI

A primeira representante do segundo período observado neste estudo é a obra de Masip (2010) e, a exemplo do que observamos nas gramáticas anteriores, o tratamento dos determinantes também ocorre dentro da classe adjetivos. Entretanto, o autor diferencia os adjetivos qualificativos dos determinativos. No primeiro, estão as palavras:

- *tónicas o acentuadas prosódica u ortográficamente: cuadro hermoso, silla cómoda;*
 - *léxicas denotativas, de significado pleno fuera de contexto: bueno, amable, comprensivo;*
 - *capaces de flexión y derivación: tienen género, número (bueno, buenos, buena, buenas) y aceptan grados mediante sufijación (buenazo, grandísimo); a veces no se flexionan (útil, inerte). Cuando eso sucede, el sustantivo supe la carencia (niño útil, niña util; cuerpo inerte, persona inerte);*
 - *que califican al sustantivo, a una palabra sustantivada o tópico, al que acompañan como adyacentes en el seno del sintagma nominal: persona sabia,” el sufrir callado; el laborioso persistente;*
 - *regidas por el sustantivo: chico satisfecho, mujer inteligente.*
- (Masip, 2010, p. 123-124, grifos nossos)

O segundo grupo, dos determinativos, se define por palavras:

- *tónicas: los demostrativos (este hermano), los posesivos pospuestos (primo mío), los indefinidos (algunos), los numerales (dos libros), los interrogativos (¿qué pedazo quieres?) y los exclamativos (qué tonterías dices!); o átonas: los posesivos antepuestos (mi padre) y los relativos (personas cuyos hijos...);*
 - *gramaticales, de significado apenas connotativo (accidental, contextual);*
 - *capaces de flexión: tienen género y número. A veces carecen de ese requisito en sí mismas (mi hijo, mi hija). Cuando eso sucede, el sustantivo suple la carencia;*
 - *que acompañan al sustantivo que las rige, como determinantes en el seno del sintagma nominal (algún amigo, ese padre).*
- (Masip, 2010, p. 124, grifos nossos)

Desse modo, a proposta de Masip (2010) parece inovar por prever uma caracterização gramatical e morfológica geral da classe dos determinativos, embora não diferencie os determinantes dos adjetivos determinativos, posto que inclui, como elementos de uma mesma categoria: “*los posesivos pospuestos (primo mío)*” e o “*los posesivos antepuestos (mi padre)*”, por exemplo.

Nessa proposta, a classificação dos adjetivos determinativos vai incorporar os demonstrativos, possessivos, indefinidos, numerais, interrogativos, exclamativos e relativos – incluindo subclasses não previstas pelas abordagens anteriores, como é o caso dos numerais, interrogativos, exclamativos e relativos.

Outro ponto de singularidade da proposta, é o esclarecimento das divergências causadas pelas especificidades da metalinguagem gramatical lusófona e hispanófona, diferenciando a classe dos determinantes nas tradições lusófonas e hispanófonas:

Las gramáticas brasileñas y portuguesas clasifican los pronombres en pronombres sustantivos (cuando sustituyen al sustantivo), y pronombres adjetivos (cuando lo acompañan). Las gramáticas españolas llaman pronombres a las palabras que sustituyen al nombre, y adjetivos

determinativos a los vocablos que acompañan al sustantivo sin modificar sustancialmente su denotación (Masip, 2010, p.124).

Embora a notação adotada pelo autor seja divergente daquela adotada neste estudo, na qual se diferenciam as unidades determinativas da língua: pronomes, adjetivos e determinantes (Jiménez Juliá, 2006), notamos que Masip (2010) é sensível aos possíveis conflitos decorrentes do contato das duas tradições gramaticais. De todo modo, o autor não diferencia as unidades estritamente determinantes dos adjetivos determinativos e, por conseguinte, não reconhece as especificidades gramaticais que possuem os dois subgrupos.

Finalmente, seguindo a tradição aparentemente introduzida na gramatização brasileira de E/LE por Nascentes (1920), Masip (2010) apresenta os artigos no capítulo seguinte, ou seja, não os considera dentro da categoria de determinantes. Ao tratar dos artigos, o autor explica as dificuldades enfrentadas por brasileiros decorrentes do contato das duas línguas. Desse modo, auxilia o aluno no aprimoramento de seus estudos:

Interpreta el adverbio determinativo negativo español no como si fuera la contracción portuguesa 'no' (preposición em + artículo 'o'); Suele confundir el pronombre numeral cardinal español 'dos' con la contracción portuguesa 'dos' (preposición de + artículo os); Es propenso a pronunciar con intensidad los artículos determinados 'el', 'la' 'lo', 'los', 'las' como si fueran tónicos; Pronuncia con excesiva nasalidad los artículos indefinidos 'un', 'una', 'unos', 'unas'; Tiende a añadir una 'o' al artículo indefinido masculino singular: 'uno hombre'; Olvida con frecuencia que la mayoría de los sustantivos femeninos que empiezan por 'a' tónica cambian 'la' por 'el' para evitar cacofonía: 'el agua', 'las aguas'; 'el águila', 'las águilas'; 'el ama', 'las amas'; Le cuesta usar el artículo definido neutro 'lo'; Al comienzo de sus estudios, no consigue usar el artículo masculino singular 'el niño'. Suele decir 'lo niño'; Usa con propiedad los artículos españoles en su forma contracta (al. del). (Masip, 2010, p.134)

Os exercícios propostos pelo autor, ao final de cada capítulo, conseguem retomar as questões discutidas e conciliar diversas informações em um único

exercício. Nesse sentido, vale citar que os exercícios propostos para o ensino dos artigos estão na mesma seção que os adjetivos determinativos possessivos, demonstrativos, determinativos (definidos e indefinidos), pronomes pessoais, pronomes e adjetivos determinativos relativos, pronomes e adjetivos interrogativos e exclamativos.

Dando continuidade à análise do tratamento dos determinantes nas gramáticas do século XXI, abordamos a gramática de Moreno García e Eres Fernández (2012). A exemplo das gramáticas anteriormente consultadas, essa última também não aborda separadamente os determinantes como uma categoria, mas como uma subclasse presente em outras categorias. Na mesma direção, os artigos seguem sendo tratados isoladamente, como uma categoria independente.

Talvez por assumir uma abordagem menos preocupada com a terminologia empregada e mais pautada pelas dificuldades e demandas socio interativas do aprendiz, os termos “determinante” ou “determinativo” sequer são identificados no sumário da obra e o tratamento dessa categoria se distribui indiretamente ao longo de unidades: “*Significados derivados de la presencia y ausencia de los artículos*”; “*Demonstrativos*”; “*Posesivos*”; “*Indefinidos*”; “*Pronombres relativos, interrogativos y exclamativos*”. Contudo, a última subclasse não é categorizada como detentora da função determinante.

Nesse sentido, tratando dos artigos, as autoras fazem uma separação entre os determinados (*el, la, los, las, lo*) e os indeterminados (*un/uno, una, unos, unas*). O primeiro texto de abertura do capítulo traz o título e o lide da notícia publicada pelo jornal *El País*, com recorrência das formas em análise: “*El precio y la escasez de viviendas asequibles en los grandes centros urbanos está provocando que la imaginación se dispare [...]*” (Moreno García; Eres Fernández, 2012, p. 85, grifo nosso).

Ainda abordando os artigos, as autoras adicionam um exercício de reflexão antes de dar início efetivamente à discussão gramatical. A primeira questão pede que os estudantes sublinhem os artigos determinados que aparecem nos textos introdutórios e questiona se os alunos utilizariam a mesma informação em português. A segunda aborda a temática da possibilidade da substituição de artigos definidos por indeterminados e o motivo dessa possível atitude. A terceira questão traz uma reflexão sobre as palavras que aparecem sem o uso do artigo como antecessor. Por fim, questiona sobre as mudanças de significado que seriam produzidas caso algum artigo fosse adicionado à frase. Logo, todas as questões auxiliam o aluno a despertar seu conhecimento empírico sobre o uso na sua língua materna ou na língua estrangeira. As autoras adicionam um quadro com especificidades sobre a classe dos artigos tanto em língua espanhola, quanto em português ao final do capítulo, fazendo comparações entre os usos iguais e particulares, como apresentado na figura 1:

Figura 1. Apresentação de comparações entre a língua espanhola e portuguesa em relação ao uso dos artigos na gramática de Moreno García e Eres Fernández (2012)

Lo decimos igual

1. En general, se usan de la misma manera los artículos, indeterminados y determinados, en español y en portugués.

	Español	Portugués
Artículo indeterminado: cuando no se determina un objeto específico.	Había unas llaves encima de la mesa. Necesito un pañuelo .	Havia umas chaves em cima da mesa. Preciso um lenço .
Artículo determinado: cuando se quiere determinar el objeto.	Compré el libro (que me recomendaste) ayer. Aquí están las cartas (que esperabas).	Comprei o livro ontem. Aqui estão as cartas .
Omisión de artículo.	Quiero pan . ¿Te pongo más café ? ¿Quieres sopa o ensalada ? Sirvieron pescado porque no comen carne . Este niño nunca toma leche , sólo refrescos .	Quero pão . Ponho mais café para você? Você quer sopa ou salada ? Serviram peixe porque eles não comem carne . Este garoto nunca toma leite , só refrigerantes .

2. En español, al igual que en portugués, el artículo neutro nunca se usa antes de sustantivos. Se utiliza para sustantivar adjetivos, adverbios u oraciones completas (en portugués coinciden las formas del artículo determinado masculino singular y del artículo neutro **o**).

Español	Portugués
Lo mejor (adj.) de la fiesta fue la tarta.	O melhor da festa foi o bolo.
La admiro por lo simpática (adj.) que es.	Admiro-a pelo (per+o) simpática que é.
Lo que más me gusta es descansar . (oración de relativo)	Do que eu mais gosto é de descansar .
Vendrá lo antes (adv.) posible.	Virá o antes/mais rápido possível.

Fonte: Moreno García e Eres Fernández (2012, p. 89)

Ao tratar dos demonstrativos, as autoras destacam que podem funcionar como adjetivos ou como pronomes, a depender do contexto. Iniciam o capítulo dos demonstrativos com fragmentos de textos, no caso, com títulos de filmes, séries, programas de televisão, canções, por exemplo “*Aquellos maravillosos años e Esta es su vida*”. Em sequência, realiza perguntas introdutórias como já visto no capítulo anterior, dessa vez direcionada aos demonstrativos. Nesse âmbito, as autoras realizam um quadro comparativo entre seus usos em língua espanhola e portuguesa.

Sobre os possessivos, as autoras utilizam a denominação determinante para dizer que eles determinam o substantivo. Também faz menção a diferença entre suas formas tônicas (antecedendo ao substantivo) e átonas (pós-posicionadas ao substantivo). Do mesmo modo, ao iniciar o capítulo, adiciona algumas frases de anúncios. Particular a essa gramática, encontramos uma descrição ampla da função dos possessivos, indo muito além da clássica definição de posse e adicionando valores como de parentesco, de pertencimento a um grupo ou conjunto, de vínculo com objetos usados normalmente etc.

Sobre os indefinidos, as autoras realizam a divisão entre adjetivos e pronomes. Separam os indefinidos em três categorias: (i) existência e inexistência; (ii) número, quantidade e intensidade; (iii) identidade e indeterminação. Finalmente, os pronomes relativos, interrogativos e exclamativos não são abordados em sua função determinativa.

4 PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NO PROCESSO DE GRAMATIZAÇÃO DOS DETERMINANTES EM GRAMÁTICAS DE E/LE PARA BRASILEIROS

Em comum às obras analisadas, notamos a permanência, desde a gramática de espanhol precursora no Brasil (Nascentes, 1920), da ausência de

uma seção destinada exclusivamente ao tratamento da categoria dos determinantes na língua espanhola. Por conseguinte, compartilham a opção por discutir indiretamente a classe ao longo de mais de um capítulo junto a outras categorias gramaticais. A estratégia poderia não ser problematizada não fosse a ausência de uma discussão explícita que diferenciase os determinantes – com suas especificidades morfológicas, semânticas e sintáticas – de outras categorias com as quais compartilha algum traço morfológico ou semântico.

Observamos que Nascentes (1920) apresenta os determinantes como adjetivos determinativos e, dentro dessa categoria, inclui as classes gramaticais que já mencionamos no estudo (possessivos, demonstrativos, numerais, distributivo e indefinidos), além de adicionar, no capítulo sobre pronomes, apenas os possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos, deixando de fora da discussão os exclamativos e não situando a característica determinativa dos pronomes propriamente ditos. Assim como fez a separação dos pronomes e dos adjetivos determinativos, o autor apresenta os artigos separadamente, sem incluí-los, portanto, na classe dos determinativos.

Seguindo a ordem cronológica, Jucá Filho (1944) dedica uma lição aos pronomes determinativos e outra aos adjuntos determinativos, na qual se inserem as formas consideradas essencialmente determinantes. Essa gramática, quando comparada à de Nascentes (1920), apresenta inovações no que diz respeito à apresentação dos pronomes poderem ser considerados como determinativos e a presença dos advérbios como adjunto determinativo. Contudo, se aproxima de Nascentes (1920) ao tratar os artigos separadamente das categorias determinativas da língua.

Quanto às gramáticas do século XXI, Masip (2010) aborda os determinantes em categorias separadas, ou seja, desenvolve um capítulo para os adjetivos (o qual também incorpora a denominação “adjetivos determinativos”), os artigos e os pronomes, mas também deixa de tratar a

função determinante de cada uma delas. Masip (2010) também irá inovar na criação de exercícios que retomam os conhecimentos aprendidos.

A gramática de Moreno García e Eres Fernández (2012) também desconsidera as unidades estritamente determinantes, sem incluir, sequer, a classe dos adjetivos determinativos – como os outros autores. A única menção à função determinativa que encontramos dentro de uma classe de palavras foi a de que os possessivos determinam o substantivo. As autoras também realizam a separação do artigo em uma unidade exclusiva, sem qualquer assimilação com os determinantes. Em particular, a obra usa exemplos retirados de enunciados de distintas naturezas para demonstrar como são os usos de cada uma das classes estudadas durante os respectivos capítulos.

Nesse contexto, não houve modificações quanto à criação de um capítulo que pudesse ser intitulado apenas por “determinantes”, tendo sua função apresentada e em sequência a aparição de todas as categorias consideradas como determinantes. Do mesmo modo, as gramáticas da primeira metade do século XX e as do século XXI compartilham a não apresentação dos artigos como elementos determinativos, já que não é possível incluí-los em grupos maiores, como é feito com os “adjetivos” e “pronomes”.

Foi possível verificar que os autores se preocuparam em definir e separar as classes dos adjetivos e dos pronomes, por vezes, afirmando sua função determinativa, mas não sua função dentro da classe dos determinantes. Diante desses dados, parece ser refutada de alguma maneira a hipótese inicial de que haveria mudanças na gramatização dos determinantes em gramáticas de espanhol para brasileiros em decorrência do aprofundamento do diálogo com os estudos linguísticos descritivos. Isso porque, embora notemos uma discussão mais apurada e didática dos termos nas gramáticas mais contemporâneas, ainda notamos a ausência do diálogo com estudos descritivos mais substanciais, que permitiram, por exemplo, diferenciar morfológica, sintática e

semanticamente os determinantes de outros elementos com função determinativa na língua.

Destaca-se ainda a ausência da discussão referente a um dos pontos que diferencia o português do espanhol quanto à possibilidade de uso do artigo definido antes do pronome possessivo. Em português, a presença do artigo é aceitável e frequente em construções como “o meu carro” e “a minha bicicleta”. Por sua vez, no espanhol padrão contemporâneo, essas estruturas não são admitidas, sendo agramaticais formas como **el mi coche* ou **la mi bicicleta*, uma vez que o possessivo, por si só, já desempenha a função determinante do sintagma nominal.

Pelo que se depreende, nenhuma das gramáticas de Espanhol como Língua Estrangeira examinadas aborda explicitamente essa diferença estrutural entre as duas línguas. Trata-se, contudo, de um aspecto relevante do contraste português-espanhol, sobretudo por envolver a categoria dos determinantes e o funcionamento do sintagma nominal. A ausência dessa discussão revela uma lacuna na descrição gramatical, especialmente considerando o público brasileiro a quem essas obras se destinam.

Esse fenômeno, além disso, costuma gerar dificuldades recorrentes para aprendizes brasileiros de E/LE, que tendem a transferir para o espanhol padrões próprios do português. Nesse sentido, a menção a esse contraste poderia enriquecer as considerações finais do texto, servindo como exemplo concreto das diferenças estruturais entre as línguas e reforçando a necessidade de maior fundamentação teórica e contrastiva no tratamento dos determinantes nas gramáticas analisadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas. **Revista X**, v. 15, n. 7, p. 232–271, 2020. DOI: 10.5380/rvx.v15i7.74662. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/74662>. Acesso em: 17 dez. 2025.

ARAUJO, Leandro Silveira de. A participação feminina na gramaticografia de espanhol como língua estrangeira no Brasil e o protagonismo de Beatriz de Chacel. **Domínios de Linguagem**, v. 19, p. e019001, 2025. DOI: 10.14393/DLv19a2025-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/75830>. Acesso em: 17 dez. 2025.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

CAVALIERE, Ricardo. Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 45, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4185>. Acesso em: 17 dez. 2025.

CALERO VAQUERA, María Luisa. Inicios y desarrollo de la gramática escolar en la tradición hispánica (siglo XIX). **Revista Philologica Romanica**, v. 15–16. p. 103–119, 2015.

GERMAN, Claude; SÉGUIN, Hubert. **Le point sur la grammaire en didactique des langues**. Montreal: CEC, 1990.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. 8. ed. Madri: SM, 2005.

JIMÉNEZ JULIÁ, Tomás. **El paradigma determinante en español**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

JUCÁ FILHO, Cândido. **El castellano contemporáneo: Gramática y Textos - para uso de los colegios brasileños**. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944.

LACA, Brenda. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. v.1, p. 831-928.

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

LEWANDOWSKI, Theodor. **Diccionario de lingüística**. 4. ed. Trad. María Luz García-Denche Navarro, Enrique Bernárdez. Madri: Ediciones Cátedra, 1995.

MAQUIEIRA, Marina. Las gramáticas castellanas para extranjeros a lo largo del siglo XVI. Departamento de Filología Hispánica. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de León, **Revista Contextos**, p. 265-290, 1993

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños**: fonología, ortografía y morfosintaxis. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORENO GARCÍA, Concepción. ERES FERNÁNDEZ, Isabel Gretel María. **Gramática contrastiva del español para brasileños**. 2. ed. Madri: Sociedad General Española de Librería, 2012

NASCENTES, Antenor de Veras. **Grammatica da lingua espanhola para uso dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria Drummond Editora, 1920.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de novembro de 2025.

Aprovado em sistema duplo cego em: 08 de dezembro de 2025.